



## **EDUARDO AUGUSTO MENDES FRAZÃO (1901 - ?)**

**Por Ário Lobo de Azevedo**

**(Professor Catedrático Jubilado do  
Instituto Superior de Agronomia)**

Não é fácil falar sobre, ou caracterizar a personalidade do professor Eduardo Augusto Mendes Frazão. Pelo menos para mim não é, mesmo depois de um convívio durante largos períodos de tempo quase diário, convívio próximo com quem compartilhava o gabinete de trabalho.

Tenho imensa dificuldade em fazê-lo, mas tal convívio permitiu-me conhecer um pouco melhor aquela personalidade complexa, mas mesmo assim sinto que nunca o cheguei de facto a conhecer verdadeiramente, pois muitos aspetos da pessoa que foi me são ainda hoje completamente desconhecidos.

Vou tentar fazer uma apresentação daquilo que me foi dado conhecer e apreciar, e descrever as diversas fases por que passou esse conhecimento.

Fui aluno de Eduardo Frazão quando ingressei no ISA em 1939, e não tenho a certeza de que a primeira aula a que assisti no Instituto ter sido por ele dada.

Pode ter sido... Lembro ainda hoje os professores desse primeiro ano, não esqueço a clareza das exposições de Victor Hugo de Lemos, o magnífico ambiente das aulas de química de mestre Boaventura de Azevedo, especialmente as aulas de laboratoriais, a extraordinária acuidade pedagógica de Mário Azevedo Gomes e monotonia das aulas de Eduardo Frazão. E a impressão que ainda hoje tenho dessas aulas mantém-se e não esqueci o mau juízo que fiz então desse docente.

Começo o meu segundo ano a trabalhar no laboratório de Física Agrícola atraído, como toda a gente sabe, pela personalidade do professor Botelho da Costa. Contacto então acidentalmente com o professor Frazão, quanto mais não fosse pelo facto do gabinete de trabalho de Botelho da Costa ser o mesmo de Eduardo Frazão.

No meu terceiro ano de curso inicio nova linha de trabalho sob orientação de Botelho da Costa onde eram abordadas questões ligadas com a agregação do solo e o assunto revelou-se interessante e promissor. Cerca de dois anos passados, tendo já

sido estabelecido um ambiente de confiança entre mim e o professor Botelho, este um dia, ao fim de uma tarde de trabalho, pergunta-me, mudando subitamente de assunto, qual é a minha opinião acerca do professor Frazão. Não esperava tal pergunta, fiquei perplexo mas sabendo, conhecendo como já conhecia o professor Botelho, que tinha que lhe dar resposta e que tinha que ser sincera. Hesitei durante uns minutos para melhor poder exprimir o que pensava e disse achar o professor Frazão como um homem com alguns bons conhecimentos de meteorologia, que sabia pouco de solos, não ser pessoa muito bem preparada nem qualificada cientificamente, com limitadas capacidades intelectuais e ainda menos pedagógicas.

Era a opinião estereotipada dos alunos que só o conheciam das aulas teóricas do primeiro ano. O professor Botelho retorquiu-me, dizendo-me que estava enganado, e que teria que ser eu próprio a verificar que não era correta a minha apreciação.

De acordo com os métodos de trabalho entre nós estabelecidos, uma vez assente a linha de trabalho que iríamos prosseguir, cabia-me a mim resolver as pequenas dificuldades que fossem surgido, admitir novas hipóteses, tentar alternativas e só quando não fosse capaz de encontrar solução para as questões é que deveria pôr o problema ao professor Botelho nas reuniões mensais onde era feito o balanço da situação. Assim sendo, diz-me o professor Botelho, a próxima reunião seria com o professor Frazão. Argumentei, disse que o professor Frazão não tinha conhecimento do projecto, nunca tínhamos falado sobre o assunto, não me poderia ajudar. Argumentei ainda mais mas não consegui demover o professor Botelho.

Não foi difícil demover o professor Botelho.

Não foi fácil convencer o professor Frazão a realizar tal reunião, tanto mais como ele repetidamente dizia o assunto ser do foro do professor Botelho. Mas por fim lá cedeu e tivemos um encontro onde me foi possível apresentar a questão. E durante longo tempo discutimos o tema.

Foi uma surpresa enorme. O professor Frazão não era de forma alguma o personagem que eu até então considerara. Era um homem bem informado, com agilidade intelectual, apreendendo rapidamente as questões, capaz de sugerir novos caminhos e ajudar-nos a orientarmo-nos neles. E logo que me foi possível disse-o ao professor Botelho, o que ele aceitou com toda a naturalidade.

A partir daí passei a olhar para o professor Frazão com outros olhos. Sempre que podia consultava-o.

Entretanto o professor Botelho logo após o I Congresso Nacional de Ciências Agrárias adoece, e deixa de poder dar aulas. E o professor Frazão encontra uma solução que não obedecia aos cânones da época. Assume ele próprio a direcção dos trabalhos das aulas práticas, recorrendo ao apoio de dois finalistas (eu e o Mário de

Carvalho) e de um quartanista (José Casimiro), alunos estes que trabalhavam regularmente no laboratório com o professor Botelho. Inventa, antes de formalmente existirem, os monitores.

A partir daí o meu relacionamento com o professor Frazão passou a ser outro e os contactos que regularmente se realizavam permitiram-me resolver uma questão da minha vida de estudante.

Como disse atrás trabalhava com o professor Botelho em questões relacionadas com a agregação do solo, assunto que fora objecto de uma comunicação apresentada pelo professor Botelho e por mim ao I Congresso Nacional de Ciências Agrárias. E tal assunto, a ser devidamente explorado e desenvolvido seria muito provavelmente o tema do meu relatório final de curso.

Eu começava por tentar caracterizar a agregação por métodos da física do solo. Mas para poder avançar e melhor avaliar as questões de agregação teria que entrar pela química do solo. E esbarrei com uma muralha intransponível que é a organização dos cursos professados no ISA onde então, como já escrevi uma vez, se verificava “o absurdo do estudo dos solos (quer como corpo natural quer como corpo que suporta o desenvolvimento das plantas, nomeadamente as cultivadas) se repartir por duas disciplinas onde numa, entre outras coisas, se estudavam aspectos do solo sob o ponto de vista físico e noutra, entre outras coisas, se estudavam aspectos do solo sob o ponto de vista químico”. O projecto de estudo sobre a agregação do solo não pôde continuar...

Entretanto o professor Frazão, já regressado o professor Botelho da Costa às lides académicas, dada a sua abertura e conhecimento exaustivo das estruturas administrativas não só do ISA como da UTL (e das outras escolas a esta pertencentes) consegue, invocando precedentes noutras escolas da Universidade, que eu, aluno tirocinante e ainda sem carta de curso, seja contratado como assistente para auxiliar os dois professores da cadeira, face ao extraordinário aumento de frequência que então se verificara.

Passei a dar aulas onde eram estudados os instrumentos utilizados nas observações meteorológicas, aulas essas dadas sob a orientação do professor Frazão. E pude verificar como ele dominava não só a instrumentação utilizada (e até sabia repará-la) mas também sabia utilizar da forma mais conveniente e acertada os valores por ela medidos.

E foi aqui que encontrei a minha salvação para o problema do relatório final de curso: um estudo sobre climatologia de Moçambique.

Aprendi muito com o professor Frazão mas como os assuntos que dominavam a sua atenção não se relacionavam com questões de climatologia tropical acabavam por ser temas que não despertavam o meu interesse pelo que, de um modo geral, eu

passava ao lado deles. Mas mesmo assim não esqueci um pequeno incidente. O professor Girolamo Azzi visita Portugal e numa reunião, com pouca gente mas a que me foi dado assistir, onde o estudo do professor Frazão “As chuvas de inverno e o rendimento cultural do trigo” é referido, diz ter sido um pouco por contactos com Filipe de Figueiredo que ele desenvolvera a sua teoria dos equivalentes meteorológicos. E no meu livro *Agricultural Ecology* (Constable & Co Ltd. London. 1956) refere que apenas conhecia um caso em que se verificavam anomalias importantes no que respeita aos esquemas por ele propostos e que esse caso o encontrara em estudo do professor Filipe de Figueiredo.

Agora um pequeno parêntesis. Entretanto tinha sido criado o Serviço Meteorológico Nacional. E o professor Eduardo Frazão é nomeado responsável pela meteorologia agrícola nesse Serviço. Acontece além disso que entre os meus companheiros de estudo – não de agronomia mas de outras escolas – havia vários que frequentavam a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa que, uma vez formados, ingressaram naquele Serviço: Leonel Neves (que mais tarde foi director do Serviço Meteorológico de Timor), António da Silva e Sousa (depois director do Serviço Meteorológico de Moçambique e posteriormente Director Geral do Serviço Meteorológico Nacional), José Pinto Peixoto (depois professor de Física e de Meteorologia na Faculdade de Ciências de Lisboa) e ainda outros. Devido a isto, o professor Frazão por um lado, os amigos meteorologistas por outro, passo a frequentar regularmente as instalações do SMN. Fiquei a conhecer melhor o professor Frazão e foi-me dada a oportunidade de ouvir opiniões de outros acerca do professor Frazão, opiniões essas que eram concordantes com as da grande maioria dos seus alunos do ISA...

Terminado o meu curso vou para África. Angola primeiro, depois Moçambique, novamente Angola. Venho duas ou três vezes a Lisboa com estadas de pequena duração. Contacto com o professor Frazão e mais uma vez a surpresa da sua competência. Apesar de nunca ter estado em regiões tropicais ele conhecia, e bem, as questões da meteorologia e da climatologia tropicais.

Quando fui para Angola tive de proceder à cartografia de solos aluvionares. Foi então que estudei esse trabalho intitulado “Reconhecimento Agrológico do Ribatejo”. Foi-me muito útil e não resisto à tentação de em vez de me prenciar sobre ele utilizar a opinião de outrem, a do professor António Réffega, que diz tal estudo tratar-se “de um trabalho que se lê e aprecia com maior interesse, e que bem prestigia os seus autores: Eduardo Mendes Frazão, Professor do Instituto Superior de Agronomia e ex-Chefe da Estação Agrária Central e Diogo Folque Possolo, Adjunto da 1ª Secção da Estação Agrária Central.

Este trabalho tinha por exclusivo objectivo fornecer elementos de carácter agrológico para um projecto de irrigação no Ribatejo.

É de notar que na sua ‘Explicação Prévia’ se refere que, se o trabalho se tivesse ‘realizado mais recentemente teria, sem dúvida, outra orientação mais em harmonia com os progressos da Ciência do Solo...’. O que dá conta de como a panorâmica dos estudos pedológicos se modificou no curto prazo de nove anos que mediou entre o início dos trabalhos (1926) e o ano da publicação do Reconhecimento (1936).

No entanto, ressaltam do trabalho, para além da sua boa estruturação, o seu apoio em estudos geológicos e botânicos, o criterioso estabelecimento das 9 Classes e Zonas Agrológicas estabelecidas e caracterizadas, o estudo dos problemas da Salinidade e da Reacção, os dados sobre o ‘Valor Relativo da Terra’, que um capítulo ‘Conclusões’ resume de forma clara.

A ter em conta o elevado número de dados, de figuras e de fotos, fica-se com a ideia de um trabalho sério, cuidado, útil para o fim em vista, o qual respeita a uma área significativa, ou seja, mais concretamente, a 12 700 hectares (António Réffega – A cartografia e a classificação portuguesa dos solos. Os primeiros passos. Revista de Ciências Agrárias, vol. 26, p. 184, 2002).

Concordo com as opiniões exaradas nesta longa transcrição. E António Réffega mais adiante nesse mesmo estudo acrescenta que se pode “considerar o trabalho de Mendes Frazão e de Folque Possolo como um vigoroso, oportuno e curioso pontapé de saída”.

Mas não posso deixar de tornar a referir o facto de, infelizmente como sucede muitas vezes entre nós, tudo isto ter sido ignorado e desaproveitado pelos analfabetos funcionais que a seguir passaram a ser responsáveis pela realização da carta dos solos de Portugal como serve de exemplo, entre muitos, esse triste caso da folha de Pernes – Pombalinho, distrito de Santarém, publicada em 1944.

Fixo-me em Lisboa em princípios de 1955, continuo a trabalhar em questões de agricultura tropical. Contactava regularmente com o professor Eduardo Frazão e o respeito e a consideração que por ele sentia não deixavam de crescer.

Um dia no seu gabinete, só nós dois conversávamos sobre um problema de ecologia de determinada cultura tropical. E de repente dou conta que estou a ouvir uma perfeita caracterização do problema, com acuidade e rigor científico invulgares e uma clareza de exposição exemplar.

A surpresa e a admiração devem ter-se manifestado no meu semblante. O professor Frazão deu conta de que tinha público a ouvi-lo e imediatamente voltou a ser o professor Frazão que conhecíamos das aulas. Só em ambiente de confiança – sem público – é que o professor Frazão se sentia ele próprio, era capaz de mostrar quem era. Compreendi então o que diversos colaboradores seus me tinham dito, a começar pelo professor Botelho de referir o relacionamento de Botelho da Costa

com Eduardo Frazão, e o apoio que este deu àquele é mais elucidativo – e suficiente para evidenciar as qualidades intelectuais humanas de Eduardo Frazão), depois pelos diversos meteorologistas que tinha encontrado pelo Ultramar português e finalmente por José Pinto Peixoto que me dissera ser o professor Frazão um dos seus melhores professores de meteorologia porque sabia, sabia fazer, sabia como fazer, sabia ensinar, sabia ensinar a fazer, sabia ensinar como fazer. Sim, mas só sim, se não houvesse público!

A partir de então passei a lidar com o professor Frazão de uma maneira diferente, a perceber como devia abordar e tenho disso muito boas recordações.

Volto a Moçambique em 1962, onde me demoro até Agosto de 1964. Regresso a Lisboa e tomo conhecimento de algumas coisas que se passaram no ISA. O professor Botelho está muito doente e há um problema candente que é o regresso de Angola do professor André Navarro, onde este ocupava o lugar de Reitor da Universidade de Luanda.

Levantada na primeira sessão do Conselho Escolar do ano lectivo de 1964/65 a questão da legitimidade do professor André Navarro voltar a assumir as funções de director do ISA e uma vez que o professor Navarro, depois de não ter conseguido demonstrá-la ou defendê-la e assegurar a sua posição, abandona a sessão, o Conselho Escolar ante o vazio que se verificava decide que o professor Frazão, como professor decano do ISA, assumia a direcção do Instituto.

O professor André Navarro quando saiu da sala onde reunia o Conselho Escolar dirigiu-se ao Ministério da Educação onde apresentou o problema. Do que se passou nessa reunião pouco se sabe, a não ser o professor André Navarro ter sido destacado para o gabinete do Ministro e o Ministério ter aceite a situação de o professor Eduardo Frazão, como professor decano, assumir e desempenhar as funções de director do ISA.

O ambiente no ISA era tenso, facções as mais diversas digladiavam-se. Podiam ter acontecido coisas terríveis. E verifica-se um milagre. As qualidades humanas, a capacidade de dialogar, o espírito conciliador, o conhecimento dos problemas e dos processos de os resolver, as decisões correctas e imparciais do professor Frazão acabam por acalmar os ânimos e no ISA rapidamente se estabelece um clima de compreensão e entendimento. E pela primeira vez, em mais de trinta anos, o Conselho Escolar elege membros para o Conselho de Administração do Instituto, escolhe os seus representantes no Conselho (depois Senado) Universitário!

Tudo acalmou e não havia qualquer sinal de mal-estar quanto o professor Raul Cabral é nomeado director do Instituto.

Morre o professor Botelho da Costa. Sou afastado da regência de Pedologia onde o substituíra. Mudo de rumo ao ser-me entregue a titularidade da cadeira de Agricultura Geral e Máquinas Agrícolas. Quase que totalmente abandonou as

questões da agricultura tropical e passo a dedicar a minha atenção à agricultura mediterrânica.

A atuação do professor Frazão durante o período que vai do afastamento do professor André Navarro até à nomeação do professor Raul Cabral foi para mim a confirmação do que já suspeitava acerca das suas qualidades. E foi nele que me apoiei não só na reestruturação do ensino de agricultura geral como era a ele que recorria ao buscar informação, auxílio e suporte nas questões de funcionamento da Universidade, pois fui um dos eleitos como representante do ISA no Senado Universitário, uma vez que, como já referi, o conhecimento que o professor Frazão tinha das estruturas e funcionamento da Universidade Técnica do ISA (e mesmo de outras escolas) era não só vasto como sólido.

Voltado para as questões da agricultura mediterrânica apoiei-me nos seus estudos de ecologia agrícola. Já Sardinha de Oliveira me chamara a atenção para o trabalho que o professor Frazão apresentara ao I Congresso Nacional de Ciências Agrárias, trabalho que durante os anos que me dediquei às questões da agricultura tropical fora cuidadosamente guardado em estante. E não tenho dúvidas em afirmar que foi devido ao seu constante apoio, informação e conselhos que me foi possível abordar e melhor enquadrar as questões de agricultura mediterrânica que tinham passado a ser o objecto das minhas atenções.

Procurava sempre que podia o professor Eduardo Frazão e uma vez que eu ganhara a sua confiança esses encontros eram sempre interessantes e, para mim, instrutivos. O professor Frazão, no que me diz respeito, passou a ser elemento de referência.

Dá-se a sua jubilação em 1971. Perdi o contacto com ele e a situação agravou-se com a minha deslocação para Évora em 1973.

Esse afastamento levou a que não soubesse do seu falecimento. E muitas vezes, mas principalmente nos momentos em que me concentrei para alinhar estas linhas, lamentei nunca ter encontrado oportunidade para lhe dizer o que sentia e pensava a respeito da sua pessoa.

Em relação ao professor Eduardo Augusto Mendes Frazão ocorre-me parafrasear, com algumas alterações, aquilo que o professor Ruy Ferro Mayer escreveu acerca de Sertório do Monte Pereira: são poucos os escritos de Eduardo Frazão, alguns deles estampados como livro, mas que bons ensinamentos neles se encontram.

Hoje, aqui, mais uma vez sinto a amargura de nunca lhe ter dito o que sobre ele sentia e pensava.

(publicado na Revista de Ciências Agrárias)